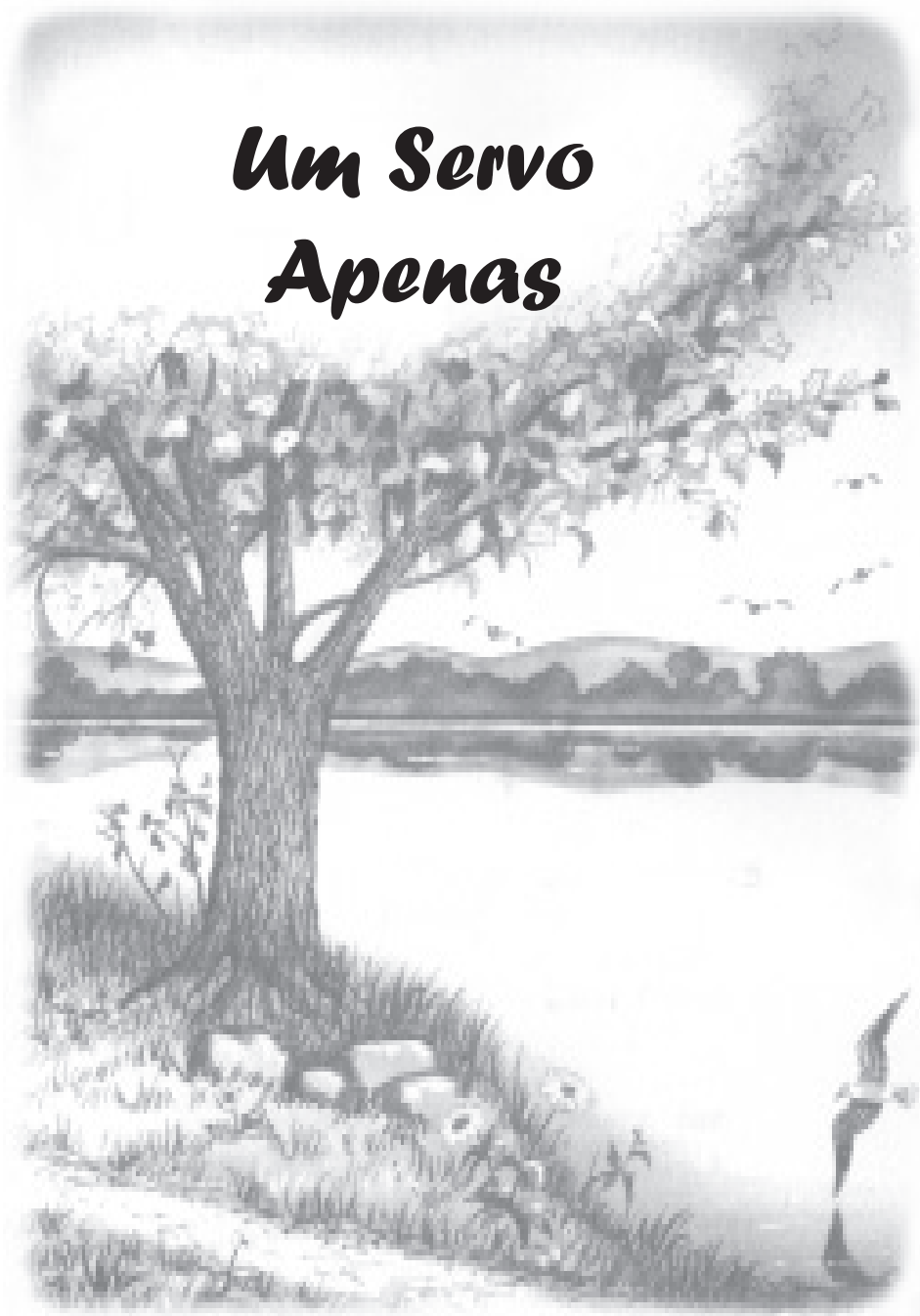


**Um Servo  
Apenas**



# Um Servo Apenas

**Kristina Roy**

**Tradução**  
**Charles David Becker**

Literatura Monte Sião  
Caixa Postal 241  
18550-970 Boituva – SP

[www.lmsdobrasil.com.br](http://www.lmsdobrasil.com.br)

e-mail: [info@lmsdobrasil.com.br](mailto:info@lmsdobrasil.com.br)

2009

UM SERVO APENAS foi publicado originalmente no inglês sob o título **Only a Servent** ©1991 pela Rod and Staff Publishers, Inc., Crockett – Kentucky – EUA.

#### TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Esta obra foi traduzida para a língua portuguesa e publicada com autorização expressa da Rod and Staff Publishers, Inc. Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, sem a expressa autorização da

Publicadora Menonita

Caixa Postal 105

75901-970 Rio Verde – Goiás

Esta edição de Um Servo Apenas foi publicada pela Literatura Monte Sião com autorização expressa da Publicadora Menonita

*Mateus 20:28*

*O Filho do homem não veio para  
ser servido,  
mas para servir e dar a sua vida  
em resgate por muitos.*



## Capítulo 1

**E**xatamente quando o fazendeiro Ondrasik mais precisava de ajuda na sua lavoura, sem ter a mínima idéia onde encontrar alguém que pudesse ajudar, um rapaz totalmente desconhecido apareceu à sua porta.

Era um sábado, já de noite, em plena colheita. Ondrasik estava sentado debaixo de uma árvore em frente à sua casa, com a cabeça cheia de preocupações, apoiada em suas mãos. De repente, no quintal, o cachorro Fidel começou a latir. O fazendeiro levantou a cabeça para ver quem estava chegando e viu em sua frente um rapaz de aspecto robusto. O estranho disse educadamente:

— Boa noite, meu senhor.

— Boa noite, meu jovem — respondeu Ondrasik.

O rapaz foi direto no assunto:

— Eu estou procurando serviço. Espero que o senhor tenha algum trabalho que eu possa fazer.

Ondrasik era um homem ponderado e não costumava tomar decisões sem um tempo de reflexão, mas por algum motivo o rapaz em sua frente causara uma boa impressão nele, e para falar a verdade, precisava urgentemente de alguém para ajudá-lo na lavoura. Sua esposa estava de cama. Seus dois genros não podiam ajudá-lo mais, pois haviam mudado para a América do Norte, junto com suas esposas. Somente Dorka, sua filha caçula de 16 anos, permanecera em casa. O único empregado que tinha se envolvido numa briga de rua e agora estava se recuperando na casa da mãe. Com as lavouras maduras e sem

quem o ajudasse, sua situação estava crítica. Silenciosamente ele ficou olhando no rapaz. Finalmente ele disse:

— Francamente, estou numa situação muito difícil. Eu preciso de alguém que me ajude e por isso vou contratá-lo, pelo menos durante esta colheita.

Consigo mesmo ele pensou: “Não me custará nada apenas fazer uma experiência com o rapaz. Ele pode me ajudar, pelo menos até Andrew (o empregado) voltar para o serviço”.

Os dois combinaram o salário que o novo empregado receberia durante a colheita.

Naquela noite Ondrasik dormiu mais sossegado do que dormira há muito tempo, e sua esposa, embora não conseguisse dormir bem, pelo menos não teve que se preocupar mais com o excesso de serviço de seu marido.

Os dias foram passando e Ondrasik ficou muito satisfeito com seu novo empregado. O que ele e sua esposa mais estranharam foi seu nome, Methodius Ruzansky, que foi o nome de um apóstolo que vivia e pregava a Palavra de Deus para os eslovacos em Nitra. Os fazendeiros normalmente não davam nomes com conotação religiosa aos filhos. Ondrasik não entendia por que um servo, como os empregados eram chamados naqueles tempos, teria um nome assim. Mas o povo se acostuma com praticamente tudo e logo todos se acostumaram com o nome de Methodius.

O povo observava o novo servo de Ondrasik enquanto trabalhava na lavoura e todos concordavam que “Ondrasik arrumou um bom empregado”.

Ninguém sabia mais do que o próprio Ondrasik o quanto seu novo servo era bom. Methodius Ruzansky não bebia e não arrumava brigas com os outros rapazes. Ele não fumava, o que era muito importante, pois não havia perigo dele pôr fogo no barracão onde se guardava o feno para as vacas. Durante a semana ele trabalhava de cedo até a noite. Os domingos ele passava lendo seus livros. Ele não usava palavrões e sempre

era alegre. Quando Dorka deixava a comida queimar no fogão, o pai às vezes reclamava, mas o servo nunca; sempre elogiava a cozinheira.

Ondrasik e sua família gostaram muito do jeito de Methodius. Convidaram-no para ser seu servo em tempo integral a partir do dia primeiro de janeiro. Methodius concordou:

— Muito bem. Eu aceito, desde que me dêem serviço por dois anos e o direito de fazer um quarto em cima da oficina.

— Que tipo de quarto você está querendo fazer? — perguntou Ondrasik.

— Um quarto de dormir. Pode ter certeza de que ficará bem arrumado. Eu mesmo vou comprar o material e fazer o serviço. Quando eu for embora daqui, vocês terão a opção de me pagar o material e ficar com o quarto, ou de dizer que não interessam. Neste caso eu desmancharei o quarto e venderei os materiais para outros.

Ondrasik concordou e quando houve uns dias chuvosos que impediu que trabalhassem na lavoura, Methodius comprou umas tábuas e nas horas vagas foi fazendo seu quarto.

Depois de pronto o quarto, ele chamou Ondrasik e Dorka para vê-lo. Ondrasik riu.

— Veja bem que quarto bem arrumado. É melhor do que o nosso! Mas como você vai fazer durante o inverno? Vai fazer muito frio aqui.

— Com cobertores suficientes, dormir não vai ser problema. E durante o dia sem dúvida vocês permitirão que me aqueça perto do fogo dentro da sua casa.

Ondrasik imediatamente concordou.

Das tábuas que sobraram, Methodius fez uma mesinha, uma prateleira, e um guarda-roupa. A cama e uma cadeira ele comprou já feitas.

O quarto ficou muito aconchegante, e mais ainda depois de colocar umas janelas das quais dava para enxergar as lavouras, os pastos e a floresta mais à distância.





## Capítulo 2

A família Petrash eram os vizinhos mais próximos. Eles tinham um filho que se chamava Sam, ou Sammy, como alguns o chamavam. Ele era um rapaz muito bom, inteligente e educado, mas era aleijado. Embora seus pais estivessem bem financeiramente, não se dispunham a ajudar o filho em nada, nem em ajudá-lo a aprender a ler e escrever. Dentro de casa ele conseguia fazer alguns servicinhos, mas não tinha utilidade na fazenda.

A senhora Petrash amava Sammy mais do que seus outros três filhos. O pai, no entanto, não o tratava bem. Ele não se conformava de ter um filho crescido em casa, um filho forte e inteligente, que não tivesse utilidade na lavoura. Se não fosse pelo amor da mãe, sua convivência no lar teria sido insuportável.

Um domingo à tarde ele estava sentado em um banco no pomar. Seus pais e irmãos haviam ido a um baile, deixando-o sozinho em casa. Sentado, apoiando a cabeça nas mãos, seus pensamentos estavam longe. De repente ele notou a presença de alguém; era o servo do vizinho, que segurava um livro em suas mãos.

A primeira reação do aleijado foi de tristeza e inveja.

“Olhe só”, ele pensou. “Ele é apenas um servo e sabe ler. E eu, o que eu sou? Sou um analfabeto ignorante!” Este pensamento o deixou tão abalado que mal conseguiu cumprimentar o servo que sorria para ele tão amistosamente.

Com voz bondosa, Methodius disse:

— Acho que por estar sentado aqui sozinho, talvez você

queira uma companhia. Eu trouxe um livro para você ler.

O rosto de Sammy ficou corado.

— E o que adianta um livro para quem não entende uma só letra? — perguntou o aleijado com voz amarga.

Com uma ponta de tristeza em sua voz, o servo disse:

— Perdoe-me, eu não sabia. Neste caso, se você quiser, fico aqui esta tarde e vamos ler juntos.

Este foi o início de uma grande amizade entre os dois rapazes.

No outro lado da divisa da propriedade de Petrash havia um casebre na qual David, o judeu, morava sozinho. Sua atividade principal era cuidar de duas cabras. As donas de casa deixavam na porta de sua casa roupas velhas, panelas e outros artigos que não servissem mais. Nas horas vagas ele limpava e consertava estas coisas para depois vendê-las e ganhar um dinheirinho para ajudar no seu sustento. Quando ele era mais novo, ia às aldeias em redor e juntava as coisas velhas, mas agora isso não era possível mais.

Ninguém se lembrava de ter visto o velho David sorrir, mas nem por isso deixava de ser um homem bondoso e educado. Pelo que as pessoas sabiam, a vida dele era uma vida de sofrimento, mas por incrível que parecesse, ninguém nunca o ouvira reclamar. Segundo os comentários do povo, David se casara enquanto rapaz com uma moça chamada Hradova, mas que depois de algum tempo ela fugiu com outro homem. Ninguém sabia se aquele comentário era verdade ou não.

O vizinho na outra divisa de Ondrasik era um sapateiro que se chamava Martin Podhajsky. Este homem bebia muito e perturbava os aldeões, que procuravam o máximo possível evitá-lo. Somente sua mãe e filhos moravam com ele, já que sua esposa teve que sair e trabalhar de doméstica para sustentar os filhos. Se não fosse pelas roupas e o dinheiro que mandava para a sogra, os meninos teriam ficado sem nada. No início ela também mandava roupas para o marido, mas vendo como ele desperdiçava tudo, parou de mandá-las.

Sempre que Ondrasik se encontrava com Podhajsky no caminho, fazia de conta que não o via, já que este só andava bêbado. Methodius uma vez encontrou o coitado caído numa poça à beira da morte, com a boca, o nariz e os ouvidos cheios de lama. Depois de tirá-lo da poça com muita dificuldade, Methodius pediu que um rapaz, que por acaso passou pelo mesmo caminho, o ajudasse a carregar o homem até sua sapataria. Deitaram-no em cima de um capim seco que havia guardado num canto.

Methodius esquentou água e deu banho no homem. De início o bêbado resistia, mas à medida que foi melhorando, parou de xingar. Depois que Methodius cortou seu cabelo e suas unhas, Podhajsky mostrou-se agradecido pela ajuda recebida.

Daquele dia em diante o servo de Ondrasik começou a exercer uma grande influência no coitado do bêbado e conseguia fazer com ele praticamente o que quisesse. Methodius encomendou um par de botinas e exigiu que não bebesse enquanto não terminasse o serviço.

Para ajudar Podhajsky a passar as noites compridas, Methodius gostava de ir na casa dele e ler histórias dos livros que ganhara de sua mãe, da Bíblia e de revistas, e de cantar hinos de seu hinário.

Methodius assinava um jornal e às vezes lia as notícias para a família de Ondrasik durante os meses de inverno quando as noites eram muito compridas. Até Andrew, o outro empregado que já melhorara, gostava de ouvir.

Ondrasik também gostava muito de ouvir as notícias do mundo afora. Ele disse à sua esposa:

— Estou gostando muito. Aquele jornal traz muitas coisas importantes e nos mantém atualizados com os acontecimentos em outros lugares.

A esposa doente de Ondrasik sempre falava bem de Methodius para suas amigas.

— Ele me ajuda como se fosse meu próprio filho; ele é tão bondoso. Foi ele quem convenceu meu marido a colocar um

fogão a lenha melhor na cozinha, o que facilita muito as coisas para Dorka. Sendo que este fogão gasta mais lenha do que o outro, ele próprio cortou duas carretadas de lenha na floresta para Ondrasik não ter que tirar tempo para isso. A maioria dos servos mal fazem o que a gente pede, mas Methodius sempre faz mais.

Uma noite enquanto Methodius estava lendo para a família de Ondrasik, Martin Podhajsky entregou as botinas que Methodius encomendara. Ele não estava bêbado; não bebera depois de começar a fazer aquele par de botinas. Ondrasik o convidou para sentar.

Todos gostaram e daí em diante, ao invés de Methodius ir à casa de Podhajsky para ler, este vinha à casa de Ondrasik. Desta forma todos podiam tirar proveito das leituras do servo.

À tardezinha, antes do jantar, Methodius ia à casa de Petrash. Logo todos sabiam que ele estava alfabetizando Sammy.

— A senhora se importa se eu levar Sammy para casa comigo para ele estar presente em nossa sessão de leitura? — ele perguntou a Gazdina, a esposa de Ondrasik.

Ela não teve dúvida:

— Mas é claro que pode! Tadinho, ele só fica aqui fechado sem poder sair. Acho bom ele se divertir um pouco.

Daí em diante Sammy passava muitas noites com a família de Ondrasik. Desta maneira as noites compridas foram passando de uma forma muito agradável. Enquanto Methodius lia, os outros separavam as penas que seriam usadas nos colchões de pena. Andrew, o outro servo de Ondrasik, não saía mais com a turma dele. O próprio Ondrasik não ia mais ao boteco. Enquanto Methodius lia, ele ensinava Sammy como entalhar brinquedos de madeira.

Durante uma dessas noites agradáveis, Dorka comentou que ouvira dizer que o velho David estava doente. Ela perguntou:

— Será que não está fazendo muito frio no casebre dele? É capaz que nem lenha ele tenha para aquecer a casa.

Depois que Methodius terminou sua leitura, ele saiu de casa.

— Pode ter a certeza de que Methodius está indo direto para a casa daquele judeu — profetizou Andrew.

Sammy concordou:

— Eu sei que ele faz visitas para o judeu. Várias vezes o vi levando baldes de água para dentro da casa dele.

Dorka pediu:

— Andrew, vá bem quietinho até a casa do judeu e dê uma espiadinha pela janela para ver o que Methodius está fazendo. Depois você volta e conta para a gente.

Andrew colocou sua blusa de frio e saiu de casa. Passou bastante tempo antes de voltar.

— Deu para ver alguma coisa? — perguntou Sammy.

— Sim, deu. O judeu estava deitado em sua cama. Primeiro Methodius fez algum tipo de chá para ele e agora está lendo um livro escrito numa linguagem que eu não entendo. Sei que não é a nossa língua. O velho está prestando muita atenção. Não tira os olhos dele.

Martin Podhajsky, que também estava presente, comentou:

— Methodius é um sujeito estranho. Não há ninguém que ele não se disponha a ajudar.

A esposa de Ondrasik balançou a cabeça.

— Concordo, ele realmente é um sujeito estranho, mas ainda bem que veio para a nossa aldeia. Depois que ele chegou estamos tendo notícias dos nossos filhos na América. Antes passavam meses e meses sem nenhuma notícia, pois não gostamos de escrever cartas. Agora ele escreve as nossas cartas; escreve tudo que eu lhe digo. Nossos filhos estão muito felizes com estas notícias e nos mandam mais cartas. Uma vez eu lhe pedi que escrevesse sobre ele mesmo, mas não quis.

O pequeno grupo ficou em silêncio, cada um pensando em Methodius, o homem que ninguém entendia.





## Capítulo 3

O inverno passou depressa e logo chegou a primavera. Uma noite Ondrasik e seu servo estavam no pomar. Para lá do pomar havia um pequeno pântano e depois um morrinho coberto de capim e uns arbustos.

Methodius disse:

— O senhor não acha que este pântano estraga a vista da nossa aldeia? Por que não compra este terreno, junto com o morrinho?

O fazendeiro ficou surpreso ao ouvir um servo tão sensato sugerir uma coisa dessas. Perguntou:

— Eu?! De que me serviria esta área inútil?

— Bem, para começar, com um pouco de trabalho aquele morrinho poderia ser nivelado o suficiente para ter serventia. A terra é argilosa e serve para fazer tijolos. O resto do barro poderia ser usado para aterrar o pântano.

— Para falar a verdade, eu não preciso de tijolos e não preciso de mais terra. Aquele morrinho para mim não teria utilidade alguma.

O servo propôs:

— Então vamos fazer um negócio. O senhor compra a terra em seu nome e eu a compro do senhor com meu salário. Já tenho uns duzentos dólares que posso dar de entrada. Para mim esta terra seria útil por ser um lugar muito bom para fazer uma casa.

Ondrasik ficou sorrindo, achando que seu servo estivesse brincando, mas o homem estava mais do que sério. Daí em

diante, Methodius tocava no assunto toda vez que tinha oportunidade, até que seu patrão concordou em fazer o negócio. Ondrasik comprou o terreno com o pântano e o morrinho e os revendeu a Methodius. Os dois homens fizeram o seguinte acordo: havendo pouco serviço, o servo poderia trabalhar três horas por dia em seu terreno; havendo mais serviço, apenas duas horas.

O plano deu certo, mas depois do plantio, Methodius procurou seu patrão e disse:

— Tenho uma nova proposta para fazer ao senhor. O serviço está bem pouco agora. Permita que eu e Andrew trabalhem no meu terreno quase o tempo integral. Vamos trabalhar para o senhor apenas o suficiente para pagar a nossa pensão. O que o senhor acha disso?

Ondrasik gostou, pois para ele o negócio era vantajoso. Respondeu:

— Acho bom. E tem mais um detalhe: até eu vou ajudar de vez em quando. Este projeto seu já me deixou curioso. Já estive pensando, por que você não faz um ranchinho em seu terreno?

Methodius riu.

— Um ranchinho? O que é isso? Vou fazer é uma casa, meu patrão. O senhor vai ver, que o Deus a quem eu sirvo vai me ajudar.

Os vizinhos começaram a passear no terreno do servo para ver o que ele estava fazendo. Methodius contratou Martin Padhajsky e sua mãe para ajudarem. De vez em quando até seu patrão e Dorka ajudavam. Foram levando a terra do morrinho para o pântano. Depois de muito serviço, a área que antes fora pântano agora servia para plantar um pomar.

Methodius comprou algumas árvores frutíferas de um viveiro e as plantou em três ruas. Todos ficaram admirados ao verem que nenhuma das mudas se perdeu.

Em seguida Methodius e seus ajudantes começaram a fazer tijolos. Quando o serviço começou a apertar, alguns de seus

ajudantes tiveram que sair, mas Martin Podhajski continuou com ele até a hora da colheita.

A mãe de Podhajsky perguntou a suas vizinhas:

— Quem iria acreditar que o servo de Ondrasik iria nos dar serviço para nós ganharmos um dinheiro? Foi Deus quem mandou este homem para nós. Martin não bebe mais. Ele é uma pessoa totalmente diferente do que era. Ele não mudou apenas por fora, mas por dentro também. Deus lhe perdoou os seus pecados e hoje ele é um homem livre.





## Capítulo 4

**E**ra uma linda tarde de verão. O fazendeiro Petrash estava saindo para dar uma olhada em suas lavouras, para ver quanto tempo a colheita iria demorar. Neste instante Methodius chegou em sua casa.

Petrash estava satisfeito (embora procurasse não deixar transparecer esta satisfação) com a bondade que o servo do vizinho estava mostrando para com seu filho aleijado. Ele sabia que durante os meses de inverno ensinara seu filho a ler e escrever. Petrash era um agricultor orgulhoso, sendo por isso que nunca se conformou com a idéia de ter um filho aleijado e analfabeto. Esta visita de Methodius agradou o fazendeiro, embora soubesse que o assunto sem dúvida seria seu filho. Mesmo assim, ele tinha algo que queria conversar com o servo. Depois de oferecer uma cadeira ao visitante, ele também se sentou. Disse:

— Agora mesmo Sammy virá. Ele deu uma saidinha, mas pelo fato de ser aleijado, caminha com dificuldade, como você mesmo sabe.

O servo sorriu amistosamente.

— É melhor que ele não esteja aqui neste instante, meu vizinho. Queria falar com o senhor sobre algo que está pesando em meu coração há algum tempo.

O fazendeiro não sabia o que poderia estar pesando no coração do jovem. Respondeu:

— Pois não, pode falar.

— O senhor já pensou no que pode acontecer com seu filho no futuro?

O fazendeiro mostrou-se surpreso com estas palavras, mas não titubeou; sua resposta foi seca:

— Já pensei sim. Meu filho será um mendigo. E daí? O que eu posso fazer para ajudá-lo? Logicamente, ele receberá sua parte da herança, mas sem poder trabalhar, o que isso lhe adiantará? Ele nunca será fazendeiro.

Methodius respondeu:

— E por outro lado, pode até ser. Já ouvi dizer que sua filha e o marido dela vão mudar para sua casa. Enquanto o senhor e sua esposa estiverem vivos, a vida será tolerável. Mas depois é possível que sua filha e genro o maltratem. O senhor não pode correr este risco com seu filho. Afinal, Sammy é seu único filho homem.

— Filho homem! — O fazendeiro articulou estas palavras com ironia, olhando para o espaço. Depois continuou:

— Você acha que tudo isso não me atormenta? Eu pergunto: Para que ele veio a este mundo?

— Meu amigo, ele não veio a este mundo por livre e espontânea vontade. O senhor, como pai, não tem nenhum direito de falar deste jeito. Veja bem, ele está aqui porque Deus o mandou. E se Deus o mandou, sem dúvida há algum serviço para ele fazer. E não se esqueça, que o senhor como pai também é responsável pela vinda dele a este mundo. Portanto deve sentir a responsabilidade de prepará-lo a enfrentar a vida, mesmo estando aleijado.

— É, meu jovem, para você que tem força e saúde, tudo é fácil, inclusive falar é fácil. Mas não é o caso dele. Sinceramente, não sei o que fazer com ele.

— Se o senhor realmente quiser ajudar seu filho, posso lhe dar uns conselhos?

— É claro que pode — o fazendeiro disse com toda sinceridade, pegando na mão do servo.

Methodius começou:

— O senhor mora aqui numa estrada principal. Todo mundo desta região obrigatoriamente passa na sua porta. Faça um

puxado em sua casa e monte um comércio para seu filho. Ele pode vender banha, farinha e outras coisas que as donas de casa utilizam na cozinha. O senhor sempre vai à cidade e seria uma coisa simples comprar a mercadoria que ele iria vender em sua loja. Com umas poucas centenas de dólares, o senhor pode dar um bom futuro para seu filho.

Methodius continuou:

— Enquanto o senhor e sua esposa estão vivos, ele pode viver com vocês. Sendo um rapaz inteligente e trabalhador, pode ter certeza que ou cedo ou tarde ele pedirá uma moça em casamento, e ela concordará em ser a esposa dele, pois afinal de contas ele terá condições de manter sua própria casa.

Petrash ficou algum tempo sem dizer nada, pensando no que ouvira. O plano, ele teve que admitir, era muito perfeito. Por que ele nunca pensara numa coisa simples dessas?

O servo explicou mais:

— Com a ajuda de Deus, já ensinei seu filho a ler e escrever. Já falei com o velho David a seu respeito. Ele está disposto a ensiná-lo a ser comerciante. Como o senhor sabe, ninguém melhor do que um judeu para mexer com negócio.

Methodius concluiu com estas palavras:

— Pense bem nesta proposta. Sammy está voltando e prefiro que ele não saiba nada disso enquanto o senhor não tomar uma decisão. Eu agora vou dar um passeio na floresta com Sammy.

Os dois rapazes saíram rumo à floresta. Pela janela ele viu os dois caminhando lentamente. Methodius estava com sua mão no ombro de Sammy e os dois conversavam animadamente. Passaram pelo pomar e depois não deu para vê-los mais.

“Não acredito! Nunca vi coisa igual”, pensou o fazendeiro. “Quando este rapaz fala, é como se estivesse lendo de um livro, de tão organizados que seus pensamentos ficam. Quem iria pensar em aterrar um pântano? Segundo Sammy, ele já viajou o mundo inteiro e tem conhecimento de tudo. Ele está

certo, está certinho mesmo! Sabe de uma coisa, eu vou entrar no esquema deste rapaz.”

O fazendeiro procurou sua esposa e pediu que ela o acompanhasse para ver as lavouras. Andaram muito, mas para falar a verdade, quase não prestaram atenção nas lavouras. O tempo todo estavam analisando a proposta de Methodius. Imagine a surpresa e alegria da mãe quando ela se deu conta de que seu querido filho poderia ainda ter uma chance na vida.



## Capítulo 5

**E**nquanto isso, Methodius e Sammy estavam sentados debaixo de uns carvalhos. Em volta deles havia um grupo de crianças, todas prestando atenção no que Methodius estava lhes dizendo.

Methodius Ruzansky, o servo de Ondrasik, era conhecido por todas as crianças da aldeia. Todas gostavam dele, pois sempre inventava coisas para elas fazerem. Uma das coisas que mais gostaram era uma pequena represa que ele fizera no riacho que passava no fundo de sua propriedade. Não havia lugar melhor para nadar. Mais para baixo um pouco ele limpou as margens do riacho para a criançada poder pescar. Quando os meninos que cuidavam das ovelhas de seus pais tinham qualquer problema, ele sempre lhes dava uma mão. Cortando galhos de árvores, ele fazia apitos, estilingues e uma série de outros brinquedos. Suas bolsas sempre estavam cheias de coisas para compartilhar com as crianças. Quantas vezes ele não cedia uma parte de sua marmita para o rapaz que cuidava dos gansos de seu pai.

A criançada o seguia por todo lado, como se fossem cachorrinhos. Sempre alguém chamava:

— Tio Methodius! Tio Methodius!

Agora, debaixo dos carvalhos, ele fazia bichinhos com a casca de nozes silvestres.

Todas as crianças gostavam dele. Depois de cansar de brincar, todas se sentavam aos seus pés e ele começava a contar histórias.